

O URBANISMO COMO MODO DE CONSTRUÇÃO DAS VÁRIAS IDENTIDADES DOS MORADORES DE BRASÍLIA

THE URBANISM AS WAY OF CONSTRUCTION OF THE
MULTIPLE IDENTITIES OF BRASÍLIA INHABITANTS

Carolina Grande^(*)

RESUMO

Este artigo pretende discutir a construção das várias identidades sociais que compõem o sujeito que veio de outras regiões do país para residir em Brasília, em busca de melhores oportunidades de trabalho. Brasília é uma cidade construída para ser o centro do poder político e teve sua estrutura urbana cuidadosamente planejada. O projeto inicial resumia-se ao Plano Piloto cujos residentes seriam os funcionários públicos e seus familiares, numa média de 500 mil habitantes. Entretanto, o entorno cresceu formando as “cidades satélites” que compõem Brasília. Por se tratar de uma cidade urbanizada recentemente, sua identidade social e cultural está em formação, causando reflexos na adaptação do imigrante. As identidades sociais dos indivíduos que migraram para Brasília permanecem atreladas a seu local de origem, o que dificulta a sua adaptação e a construção de uma nova identidade social. A metodologia presente nessa pesquisa foi feita através da aplicação de questionário aberto. Os participantes foram selecionados tanto entre pessoas que imigraram recentemente como também entre algumas que vieram para Brasília há muitos anos.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade social e cultural. Modernidade. Cidade. Imigração.

ABSTRACT

This article intends to argue the construction of the several social identities that compose the citizen that came from another regions to find a work and inhabit in Brasília. Brasília was build to be the center of the power politician. It's urban structure had planned carefully. At first came to here only public officers to live at plano piloto. With that came their families. A total of 500 a thousand inhabitants. But around the city were beginning the “cidades satélites” that today composes the capital. It's a recently urban city so the social identity and culture has been constructed so it reflects in the immigrants. The social identity of people that came to Brasília is not totaly here. It is in their original city. The present methodology in this research was made by a questionnaire opening. The persons had been selected between persons that came recently and between others that live here for many years.

KEYWORDS: Social identity and cultural. Modernity. City. Imigration.

(*)Mestranda em Sociologia pela Universidade de Brasília –UnB. Endereço para acessar o CV: <http://lattes.cnpq.br/2585020271245559>. E-mail: carolinagrande@bol.com.br

INTRODUÇÃO

Com apenas 47 anos, Brasília é uma cidade cuja identidade social e cultural ainda está em formação. Construída com o objetivo de abrigar o centro do poder político, transformou-se em sonho de uma vida melhor para brasileiros de todas as partes do país. Por ser uma cidade planejada, é esteticamente aprazível, porém socialmente estratificada. Dentro do seu espaço sócio-econômico convivem diferenças intransponíveis, que funcionam como barreiras para muitos que vêm em busca de melhores oportunidades de trabalho.

O objetivo principal dessa pesquisa consiste em entender o processo de adaptação ao *modus* de viver em Brasília, bem como as construções e transformações em termos de identidade social vivida pelos imigrantes. Além desse contexto geral, pretende-se identificar a percepção dos imigrantes relativa às particularidades de seu processo de adaptação e, ao mesmo tempo, avaliar até que ponto essa adaptação e a formação de nova identidade social sofreram influências das identidades sociais e culturais construídas no local de origem. Com isso, procura-se possibilitar a compreensão do impacto vivido pelo imigrante em virtude das dificuldades apresentadas pela organização física da cidade e também no que se refere à realidade cotidiana - a realização profissional e a qualidade de vida.

A metodologia utilizada para a construção do presente estudo foi a aplicação de um questionário aberto, contendo 16 perguntas que informavam ao pesquisado os objetivos do estudo, num total de 20 questionários. Os participantes foram selecionados tanto entre pessoas que imigraram recentemente como também entre algumas que vieram para Brasília há muitos anos. Foram aplicados 10 questionários no Departamento Nacional de Infra-Estrutura e Transporte - DNIT, e outros 10 em uma escola de Taguatinga, o Centro de Ensino Médio Taguatinga Norte - CEMTN.

Para orientar as análises foi utilizado o conceito de representação social, que se refere aos indivíduos e grupos e dá conta da (re)construção do real feita por estes, com base em suas vivências cotidianas. Para melhor compreensão dessa dinâmica foi utilizada a definição de representação social dada por Moscovici:

As representações sociais são entidades quase tangíveis. Elas circulam, se entrecruzam e se cristalizam continuamente

através duma palavra, dum gesto ou duma reunião em nosso mundo cotidiano. Elas impregnam a maioria de nossas relações estabelecidas, os objetos que nós produzimos ou consumimos e as comunicações que estabelecemos. Nós sabemos que elas correspondem, dum lado, à substância simbólica que entra na sua elaboração e, por outro lado, à prática específica que produz essa substância, do mesmo modo como a ciência ou o mito correspondem a uma prática científica ou mítica. (2003, p.10).

A abordagem utilizada foi a qualitativa – metodologia que apresenta a possibilidade de descrever a complexidade de situações hipotéticas ou de problemas, de analisar a interação entre as variáveis e de compreender e classificar os processos dinâmicos experimentados por grupos. Tal abordagem permite a apresentação de sugestões para mudanças como também a análise das particularidades dos comportamentos ou atitudes dos indivíduos. “Trata-se de um método de pesquisa que tem por objetivo entender situações complexas e estritamente particulares.” (HAGUETTE, 1992, p.63).

AS CONSEQÜÊNCIAS DA MODERNIDADE NO MEIO URBANO.

O processo de globalização, ligado a questões econômicas e sociais, vem revolucionando vários setores da vida social, trazendo consigo efeitos devastadores sobre as condições sociais de vida dos milhares de excluídos de sua dinâmica. Por mais que o regime capitalista se diga democrático, na prática afunila essa democracia, pondo à margem um enorme contingente de excluídos. Giddens (1991, p.16) demonstra que a modernidade, por ser um projeto muito rico, traz movimentos complexos e contraditórios, constituindo “um fenômeno de dois gumes”, cujo lado sombrio tornou-se na atualidade muito aparente. De acordo com esse autor:

Os modos de vida produzidos pela modernidade nos desvincularam de todos os tipos tradicionais de ordem social, de uma maneira que não têm precedentes. Tanto em sua intencionalidade quanto em sua intensidade, as transformações envolvidas na modernidade são mais profundas que a maioria dos tipos de mudança característico dos períodos precedentes. (1991, p. 14).

No que tange às relações entre o indivíduo e a sociedade observa-se um nítido regresso ao individualismo. Nas análises sobre a vida privada sobressaem o consumismo, o narcisismo e novos estilos de vida. Paradoxalmente, a vida individual nunca foi tão pública, nunca foi tão facilmente devassável. De um modo geral, os hábitos e costumes regionais cedem à pressão da cultura de massa, havendo, como diz Theodor W. Adorno (2002), uma homogeneização dessa massa.

A noção de tempo e espaço na sociedade moderna possui um tom diferente daquele existente nas sociedades pré-modernas. A modernidade trouxe a separação do tempo e espaço, uma vez que a comunicação virtual e global distancia cada vez mais os indivíduos no espaço e no tempo. Conseqüentemente, não mais se torna necessário o encontro face a face para a compreensão do outro. (BERGER; LUCKMANN, 2002). Tal dinâmica é explicada por Giddens (1991, p.25): “[...] o dinamismo da modernidade deriva da separação do tempo e do espaço e de sua recombinação em formas que permitem o ‘zoneamento’ tempo-espacial preciso da vida social.” Tudo isso modifica a interação das relações sociais, que se tornam cada vez mais instáveis e passageiras, levando ao individualismo.

Um dos aspectos que mais evidencia esse individualismo é o dinheiro que, como diz Giddens (1991, p. 30), é um “[...] meio de distanciamento do tempo-espaço”. A permuta se dá cada vez menos por meio da relação face a face e mais por transações bancárias via internet, por meio de compras virtuais, ou seja, o dinheiro possibilita a realização de transações entre agentes amplamente separados no tempo e no espaço, gerando a impessoalidade e, sobretudo, o individualismo.

Giddens (1991) analisa as conseqüências da modernidade e percebe que o dinamismo da mesma deriva não somente da possibilidade da separação tempo e espaço, mas também do “desencaixe” dos sistemas sociais e da ordenação e reordenação reflexiva das relações sociais à luz das contínuas “entradas” de conhecimento afetando as ações sociais.

Dessa forma, o projeto da modernidade passa a ser entendido como um processo que contempla imprevisibilidades e ao mesmo tempo um vazio temporal. Cada homem e cada mulher são levados a construir uma identidade social fragmentada, morrendo a linearidade da história. Cada passo que o indivíduo dá é incerto. Vive-se a incerteza a cada segundo.

Uma outra conseqüência da modernidade é a alteração, de maneira radical, da natureza da vida social cotidiana, afetando os aspectos mais pessoais da experiência humana: “as transformações da identidade do eu e a mundialização são os pólos da dialética do local e do universal nas condições de alta modernidade”. (GIDDENS, 1993, p.11). Em outras palavras, as mudanças nos aspectos mais íntimos da vida pessoal estão diretamente ligadas ao estabelecimento de vínculos sociais de alcance mais amplo.

A dissolução de parâmetros tradicionais da sociedade industrial produziu uma onda social de individualização, o que pode significar que as pessoas estão sendo demovidas dos compromissos de classe e por isso estão começando a referenciar a si mesmas ao construir suas identidades no mercado de trabalho.

Seguindo por esse caminho, percebe-se que esse processo de socialização, em que predomina a individualização, é historicamente contraditório, já que comporta resultados de uma nova coletividade e uma padronização dos modos de vida individuais.

URBANISMO E MODERNIDADE: FRAGMENTAÇÃO DA IDENTIDADE SOCIAL

Com o advento da modernidade, associado aos processos da globalização, o meio urbano torna-se o foco de estudo das ciências sociais, sendo que o sujeito urbano é quem desencadeia, através de suas relações sociais, os fenômenos sociais.

A construção da identidade do indivíduo pode ser caracterizada como um fenômeno social por haver uma variedade de outros fenômenos que interferem na sua construção. A identidade social apresenta-se como sendo um processo de identificação ou não identificação do indivíduo com os estímulos externos gerados pelo meio em que ele vive. Segundo Girard, citado por Nunes (1999, p.180), a interpretação da identidade social tem uma função, qual seja, a de nos permitir “compreender os múltiplos papéis do indivíduo no meio social”. Assim, o espaço urbano é considerado o local onde se constrói e se transforma a identidade social. Ou, como afirma o próprio Nunes: “O espaço urbano é um lugar privilegiado para a construção destas identidades; as culturas urbanas vão surgindo a partir do confronto, das alianças; essa é a

dinâmica do espaço social nas cidades.” (1999, p. 17).

É consenso para o pensamento sociológico atual que a construção da identidade social não é tão rígida como foi nos primórdios da humanidade. Sabe-se que as identidades sociais estão em constante transformação e por isso o indivíduo possui não somente uma identidade social permanente, mas vivencia uma constante mutação. Esse argumento é bem esclarecido por Hall. Segundo esse autor: “O sujeito previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas.” (2002, p. 12)

Seguindo a trilha de Hall, Giddens (1991; 2002), Havery (2001) e Sennet (1998) argumentam que o próprio projeto da modernidade trouxe ao homem moderno tipos e graus diversos de instabilidade. Dessa forma, risco e desafio passam a fazer parte da vida e do vocabulário do novo *modus* de vida urbano e, por conseqüência, tal nível de ambigüidade e de incerteza perante a vida levam constantemente a mudanças de identidade social.

A partir de sua implementação, o projeto da modernidade gestou novas formas cotidianas de vida. O fluxo intenso das produções modernas, sejam elas materiais ou culturais, produziram um novo tipo de indivíduo que se caracteriza, principalmente nos grandes centros urbanos, pela racionalidade e fragmentação causadas pelo alto índice de heterogeneidade das escolhas. Wirth (1979 apud VELHO, 1979), enumera o anonimato, o superficialismo e o caráter transitório das relações urbano-sociais como os principais aspectos da maneira de ser e de viver desse sujeito. Essa nova forma de socialização leva o indivíduo a experienciar a sua identidade social de forma individualizada.

A fragmentação das identidades sociais na modernidade é, segundo Hall (2002, p.17), marcada por “diferentes divisões e antagonismos sociais” que produzem variações nos posicionamentos dos indivíduos a cada nova situação vivida por eles. Nesses termos explica-se a formação das diversas identidades sociais.

A modernidade também gera um processo de reflexividade na vida social que consiste em um movimento no qual as atividades e práticas sociais são continuamente revistas e atualizadas a partir de si mesmas, modificando constantemente o seu caráter.

Nesse sentido, a identidade social passa freqüentemente por modifica-

Carolina Grande

ções, pois ao ser formada ao longo do processo social prático e psíquico, reflete seu contexto histórico e cultural, nunca se fechando.

A DELIMITAÇÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO: DISTRITO FEDERAL, BRASÍLIA, PLANO PILOTO E CIDADES SATÉLITES

A delimitação do espaço que engloba o Distrito Federal é muitas vezes confundida pelos próprios moradores. Existe uma nítida divisão espacial e identitária dos indivíduos que residem no Plano Piloto e os que residem nas cidades satélites. Essa confusão gera uma instabilidade na construção da identidade social ligada ao local onde o indivíduo se estabelece, pois muitas vezes, por viverem nas cidades satélites, não se sentem cidadãos brasilienses. Essa situação influi de forma preponderante no processo de construção de novas identidades.

Nas entrevistas realizadas para a construção deste ensaio, uma das entrevistadas relatou a confusão que faz na distinção espacial e nas nomenclaturas de Brasília: *“Não me sinto excluída de Brasília, porque Brasília é o nome da capital do Brasil, que foi planejada, ou seja, para mim Brasília é o Plano Piloto. Por isso, não é questão de ser excluída, é questão de não morar em Brasília (no Plano Piloto).”*

Para maior compreensão é útil delimitar espacialmente o que é o Distrito Federal, Brasília, Plano Piloto e cidades satélites. Brasília, a Capital Federal, é uma cidade que abarca todo o território do Distrito Federal — uma unidade da Federação que não é Estado, território ou município. Brasília é o conjunto formado pelo Plano Piloto, pelas cidades satélites e pelas vilas. Tem zonas urbanas e zonas rurais. Tudo o que compõe o Distrito Federal é Brasília, a Capital da República do Brasil.

As chamadas cidades satélites são parte de Brasília e foram idealizadas, originalmente, para receber a população que não mais caberia no Plano Piloto. A apreciação do júri¹ que escolheu o projeto apresentado por Lúcio Costa diz: “o tamanho da cidade é limitado: seu crescimento, após 20 anos, se fará pelas penínsulas e por cidades satélites”. (COSTA, 1994, p. 78). Em nenhum momento se separa Brasília das penínsulas e das cidades satélites, tanto que estas não são municípios, sequer possuem autonomia. As regiões administra-

¹ Disponível em: <<http://www.infobrasília.com.br/>>. Acesso em: 17 jul.2002 às 16:26. Encontra-se também em COSTA, 1994, p.78.

tivas, criadas por meio de leis distritais que estabeleceram a Lei Orgânica do DF, são apenas o que o nome diz: regiões administrativas. Embora a cidade seja uma só, os residentes das cidades satélites não vêm as coisas dessa forma. Para eles Brasília se resume ao plano piloto com todas as suas maravilhas.

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE SOCIAL EM BRASÍLIA: UMA BREVE PESQUISA

Brasília é uma cidade muito nova e as pessoas que nela residem, em sua grande maioria, vêm de outros lugares do país. Chegaram a Brasília em busca de maiores oportunidades e de qualidade de vida, uma vez que a cidade oferece inúmeros concursos públicos e bons salários.

Por se tratar de uma cidade urbanizada recentemente, as identidades sociais dos indivíduos que residem em Brasília ainda se encontram divididas e atreladas à região de onde vieram, com reflexos no processo de adaptação ao novo local de residência. Nunes faz referência a esse aspecto dos imigrantes brasilienses, afirmando que “a história de seus habitantes é exterior à cidade. Todos somos descendentes de lugares difusos, espalhados pelo território nacional e, por isso, meio estrangeiros dentro de nosso próprio lugar.” (1997, p. 15).

Maior ênfase a esse aspecto característico da cidade pode ser observada no relato de uma entrevistada que chegou recentemente a Brasília: “*Não me sinto brasiliense porque faz muito pouco tempo que moro aqui e também por um outro aspecto que acho que talvez não me deixe sentir um cidadão brasiliense nunca. Esse aspecto é a falta de uma identidade brasiliense. Brasília é uma cidade formada por diversas pessoas oriundas de diversas regiões do Brasil, com diversos costumes e regras de condutas diferentes. Acho que Brasília ainda não tem um cidadão que diga ‘minha cultura é brasiliense porque tenho tais e tais costumes’, sem citar costumes goianos, nordestinos, paraenses, etc.*”

Essa fala demonstra a dificuldade de adaptação das pessoas que chegam a essa cidade, e isso se dá porque a identidade cultural de Brasília ainda está sendo construída, uma vez que é marcada pelo aspecto migratório. Segundo Nunes, até um tempo atrás poder-se-ia dizer “que ninguém é de Brasília” e que ela é “suficientemente jovem para se dar ao luxo de uma certa ausência de identidades”. (1997, p.18). Por ser tão diferente no que diz respeito tanto ao aspecto arquitetônico quanto ao estilo de vida da população, Brasília causa

impactos que prejudicam e, às vezes, facilitam a adaptação. O autor refere-se às principais surpresas ameaçadoras que a cidade reserva para seus novos moradores:

[...] as pessoas que aqui chegam se sentem ameaçadas: falta esquina, falta ponto de encontro, as relações de vizinhança são fluidas, a chegada e a saída de pessoas em função da alta rotatividade dos engajados no aparelho do Estado impedem, muitas vezes, relações interpessoais estáveis. (1997, p. 18).

A identidade cultural que vai se formando em Brasília está atrelada ao poder político, algo compreensível, já que a cidade foi planejada e construída para abrigar o centro do poder. Conhecida por seu poder político, por suas belas esculturas e construções pós-modernas, recebe visitantes que vêm para conhecer a Esplanada, o Congresso Nacional, a Catedral, o Museu JK e outros monumentos. Suas expedições limitam-se ao centro do poder e não por outras formas de cultura, como ocorre em outros aglomerados urbanos.

Verifica-se então que Brasília possui uma identidade cultural marcada pela política e por tudo o que a ela esteja relacionado. Esse aspecto marcante de Brasília cria um estereótipo relativo aos indivíduos que nela residem. A política tem um laço forte com o poder econômico, razão por que se estabelece a concepção de que os moradores de Brasília (aqui identificada ao Plano piloto) são pessoas que trabalham no centro administrativo do poder e, portanto, pertencentes à classe média ou possuidoras de alto poder aquisitivo. Dessa forma, a imagem que se tem de Brasília é de uma cidade rica, forte, sem desigualdade social, imagem criada e alimentada pelos meios de comunicação de massa.

No entanto, quando se conhece a realidade de Brasília, depara-se com um cenário diferente daquele que é transmitido pelos meios de comunicação. É uma cidade que possui tanto a exclusão social quanto a material (pessoas que sobrevivem em péssimas condições de vida). Essa realidade, quando situada no universo simbólico, refere-se à construção do imaginário social. Os indivíduos que residem nos arredores de Brasília sentem-se excluídos da cidade. Seus motivos derivam de interpretações subjetivas tais como: por não morarem no Plano Piloto, por não trabalharem nos centros administrativos do poder, por não terem uma renda alta, acreditam pertencer a uma outra classe social.

Vários entrevistados relataram viver essa situação ao responderem afirmativamente a seguinte pergunta do questionário: Você vê diferença entre as pessoas que residem no Plano Piloto e as que residem nas cidades satélites? Um dos entrevistados, do sexo masculino, nível superior, residente em Brasília há três meses, respondeu: *“Muitas: humildade (decorrente da falta de dinheiro, ícone do poder) X arrogância; limpeza X sujeira; hábitos diários X hábitos noturnos (não se pode, nem se tem como sair à noite na periferia; nem onde ir) ; luta pela sobrevivência X plano de vida.”*

A partir dessa fala pode-se concluir que as pessoas que residem nas cidades satélites têm baixo poder aquisitivo e que, em todos os aspectos, seu estilo de vida destoa totalmente do modo de vida das pessoas que moram no Plano Piloto.

Outro entrevistado, que reside em Brasília há um ano e quatro meses, escolaridade superior, sexo feminino, relatou algo parecido: *“Vejo as diferenças de acesso aos serviços básicos em termos de qualidade e também algumas diferenças de costumes. As pessoas que moram nas cidades satélites ainda têm costumes interioranos, o que torna Brasília uma ‘cidade grande, com cara de pequena’. Além disso existem diferenças em termos econômicos, nível de escolaridade, moradia, custo de vida, etc. As distorções que existem em relação ao nível de vida das pessoas que residem em Brasília e as que residem nas cidades satélites são gritantes. É como se houvesse uma linha de separação entre as pessoas que estão no Plano para poderem ser os moradores da capital do país e as outras, que estão ali pra trabalhar para as primeiras.”*

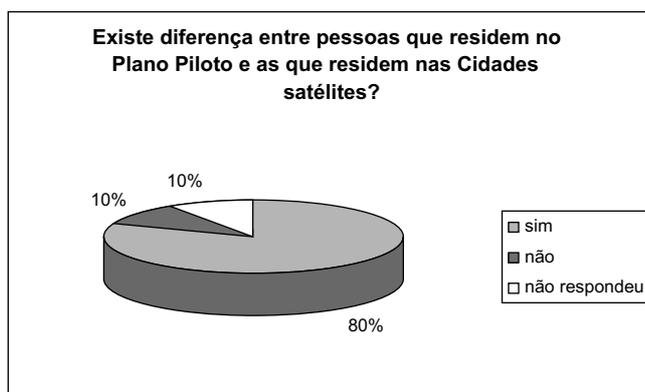
Um aspecto que dificulta a adaptação do indivíduo é a estrutura da cidade. O fato de ser planejada em setores dá motivo a muitas reclamações, como a de um entrevistado que aqui chegou recentemente: *“Em Brasília, as coisas são muito distantes, longe, precisa-se de carro”*. Esse mesmo entrevistado relatou que não se sente um cidadão em Brasília porque não possui um automóvel. Nunes faz referência a esse aspecto demarcador de Brasília: *“[...] uma cidade que não aceita aquele que não tem um automóvel, transformando a apropriação de seu espaço como algo impessoal, distante.”* (1997, p.17).

Um dado importante a ser apreciado é que, em Brasília, por existir uma “cidade centro” e várias outras ao seu redor, ocorre a mobilidade pendular, que consiste no “movimento diário de trabalhadores entre os seus locais de trabalho e suas residências”. (PEREIRA 2005, p. 22). Essa situação confere

às cidades satélites a condição de “cidades dormitórios”, ou seja, são cidades usadas por seus moradores quase que exclusivamente para dormirem. Esse tipo de migração é um fator característico da cidade de Brasília e tal fenômeno desenvolveu-se em decorrência do crescimento exacerbado das cidades no entorno do Plano Piloto.

Um outro aspecto que empurra as pessoas para as cidades satélites é o custo de vida, que é bem mais baixo nessas cidades. Tal realidade gera, no imaginário social, uma visão de que as pessoas que residem no plano têm melhores condições de vida. De acordo com um dos entrevistados isso é “*ostentado constantemente*”. Por outro lado, as que moram nas cidades satélites geralmente têm menor poder aquisitivo, sendo consideradas mais “*humildes*”, isto é, mais pobres.

Na pesquisa realizada, 80% dos entrevistados acham que existe diferença entre as pessoas que residem no Plano piloto e as que residem nas cidades satélites, conforme mostra o Gráfico I, abaixo:



Fonte: pesquisa feita em Julho de 2007, com entrevistados do DNIT, e da escola pública CEMTN de Taguatinga.

Existe em Brasília um diferenciador de classe social ligado ao local onde o indivíduo reside. Essa dicotomia² está presente na visão dos moradores da

² Dicotomia aqui se refere à duplicidade de interpretações do espaço geográfico. Brasília é somente o Plano Piloto, na prática, para os indivíduos que residem no DF, e na lei Brasília se compõe pelo Plano Piloto, cidades satélites, vilas e zonas rurais.

Estrutural³, de Sobradinho, de Taguatinga, de São Sebastião e de outras regiões do entorno, que se sentem excluídos do *modus* de vida de Brasília. Do ponto de vista dos entrevistados há uma evidente estigmatização que gera sentimentos de exclusão, principalmente em função da desigualdade por eles percebida. Esse fenômeno interfere na construção da identidade social dos que chegam a Brasília, pois, esse sentimento de exclusão passa a fazer parte de um sentimento mais íntimo e complexo, que é o de inferioridade.

Mais um ponto que causa impacto aos indivíduos que chegam a Brasília é que, forçosamente, precisam construir um novo modo de vida com características bem diferentes daquelas do seu local de origem. A cidade em si possui uma estrutura muito diferente daquela existente nas demais cidades do país. Os locais de trabalho, habitação, lazer, estudo, comércio e saúde são setorializados e distantes. O acesso a esses locais fica prejudicado porque o transporte público é ineficiente. Assim a maioria das pessoas precisa do automóvel para fazer frente à dinâmica local.

As características locais desenvolvem no imigrante um aspecto de “desentrosamento” do espaço urbano. A arquitetura imponente gera um distanciamento do sujeito, uma sensação de que aquilo é algo que não pertence a ele, que está muito além dele. A perfeição arquitetônica, a setorialização e a organização de Brasília criam a ilusão de que a vida nessa cidade é perfeita. No entanto, a aparente perfeição desfaz-se no dia-a-dia, principalmente para os moradores das cidades satélites porque suas vidas estão inapelavelmente atreladas ao tempo que é consumido nos deslocamentos cotidianos entre casa/trabalho e trabalho/casa. Estejam eles em seus carros ou no uso do transporte público, consomem muito tempo no ir e vir. Isso ocorre porque o crescimento populacional já tornou o trânsito moroso, aumentando, nas pessoas, o cansaço e a indisposição para fazerem algo mais que ganhar a vida. O indivíduo fica preso a uma rotina que inviabiliza ainda mais a construção de uma identidade social condizente com suas reais necessidades.

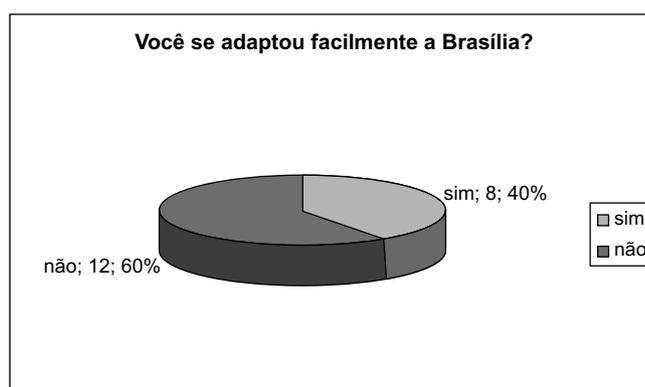
Um aspecto marcante que dificulta a adaptação do imigrante a Brasília é o clima, que, por ser seco, constitui uma dificuldade adicional nada desprezível. Vários entrevistados relataram essa dificuldade no processo de adaptação: “*não me adaptei ainda, o clima me causa transtornos*”, relata uma entrevistada que mora há dois anos em Brasília. Outro, que reside há 17 anos, diz: “*o clima*

³ Cidades satélites.

Carolina Grande

me prejudicou bastante no início”.

Na análise dos dados foi detectado que 60% dos entrevistados disseram que não se adaptaram facilmente a Brasília e 40% disseram que se adaptaram facilmente à vida aqui. O Gráfico 2, abaixo, ilustra essas diferentes experiências:



Fonte: pesquisa feita em Julho de 2007, com entrevistados do DNIT e da escola pública CEMTN de Taguatinga.

Os motivos da não adaptação foram variados. Alguns entrevistados reclamam da saudade do *modus* de vida do local de origem, outros do clima, outros do grande individualismo das pessoas que vivem em Brasília e da falta de vínculos afetivos. Os motivos relativos à facilidade de adaptação foram, em sua grande maioria, as oportunidades de empregos públicos que a cidade oferece, o crescimento profissional e a qualidade de vida. Esse é um dos aspectos que demonstra a ligação entre a identidade cultural/social em formação na cidade e a preponderância do serviço público como profissão. Todo esse *modus* de vida urbano em Brasília auxilia na construção de múltiplas identidades sociais, as quais estão indissociavelmente ligadas à atividade profissional, às formas de vestir, aos bens adquiridos, ao nível escolar, ao local onde se mora, ao local de origem e a outros aspectos menos significativos.

Contudo, a representação social construída pelos que migraram para Brasília demonstra as dificuldades enfrentadas para se adaptarem ao espaço urbano e ao modo de vida característicos da cidade. Essas dificuldades estão conectadas à falta de identificação com o local e à diversidade cultural causada pela heterogeneidade de pessoas vindas de diversas partes do país. Wirth, citado por Velho

(1979, p. 113), ajuda a compreender melhor essa complexa variável:

[...] a heterogeneidade tende a quebrar estruturas sociais rígidas e a produzir maior mobilidade, instabilidade e insegurança, e a filiação de indivíduos a uma variedade de grupos sociais opostos e tangenciais com um alto grau de renovação dos seus componentes.

Um dos entrevistados fala como vê Brasília : “*É uma cidade de imigrantes. Embora venham de toda parte do país, acho ela extremamente nordestina e depois que se coloca isto em mente fica mais fácil se adaptar aqui. Sou mineiro e aqui embora todos pareçam bater no peito pra falar onde ficam as suas raízes parece que todo mundo é expatriado. É estranho, ainda não tinha pensado sobre isto...*”

Conclui-se que o indivíduo recém-chegado a Brasília tem certa dificuldade para adaptar-se e até mesmo aquele que reside na cidade há alguns anos ainda se debate entre a sua antiga identidade social e o novo *modus* de vida, que exige a construção de uma nova identidade social. Essa identidade nunca estará pronta, acabada e sim fragmentada, pois uma parte da identidade social do imigrante está atrelada ao seu passado e a outra ainda emerge em sua nova vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste começo de século, a humanidade passa por uma profunda crise que remonta às suas representações sociais, aos seus valores e aos conceitos sobre si mesma. É uma crise sobre a identidade do homem e da potencialidade de suas realizações na história, ou seja, é uma crise de interpretação, de introjeção do processo histórico e cultural e de seu relacionamento com o real.

Simmel (1979 *apud* VELHO, 1979), afirma que a vida urbana é caracterizada pelo alto grau de intensidade dos fenômenos sociais gerados pelos indivíduos. Esse grau de intensidade afeta os indivíduos em sua base psicológica, uma vez que a intensificação dos estímulos nervosos cria no homem mecanismos de defesa que inibem tais estímulos para que ele consiga viver na metrópole. Assim, a cidade grande gera condições psicológicas para a intensificação e o aumento da vida nervosa e mental dos indivíduos que nela habitam.

Nesse sentido, a vida urbana difere da vida rural por possuir um alto grau

de racionalidade que protege o homem da intensidade de estímulos desencadeados pela metrópole. Essa afirmação é esclarecida pelas palavras de Simmel:

[...] o tipo metropolitano de homem desenvolve um órgão que o protege das correntes e discrepâncias ameaçadoras de sua ambientação externa, as quais, do contrário, o desenraizariam. Ele reage com a cabeça, ao invés de com o coração.
(SIMMEL, 1979 apud VELHO, 1979, p.12)

Esse processo racional, ao mesmo tempo que protege o homem dos vários estímulos do meio urbano, gera o processo de individualização e desencadeia o desencaixe das relações sociais, deixando-as mais distantes e impessoais. (GIDDENS, 1991).

Para Wirth (1979 apud VELHO, 1979), a forma de vida urbana é determinada pelas características singulares da cidade em seus aspectos materiais, tais como tamanho, densidade e heterogeneidade. Em função dessas características, o urbano tem efeitos sobre o caráter social da vida coletiva, levando os contatos sociais a se tornarem impessoais, superficiais, transitórios e segmentados.

Brasília não fica fora dessa realidade global moderna. Homens e mulheres que nela residem sentem fortemente todas as características de seu modo de vida urbano. O planejamento arquitetônico torna Brasília diferente do restante das cidades do Brasil. Sua estrutura espacial esconde seu funcionamento real fazendo com que não apareçam as desigualdades sociais e simbólicas que a compõem. O imigrante que busca melhores condições de vida percebe, quando chega a Brasília, que as diferenças assumem proporções bem maiores do que em outros lugares, por causa das particularidades que a cidade apresenta. Desatrelar-se das origens e adaptar-se a essa cidade constitui-se um desafio que exige resistência por parte do imigrante.

A construção de novas identidades requerida dos indivíduos que escolhem tentar novas oportunidades de vida em Brasília sofre os efeitos das especificidades dessa cidade que, ampla em sua estrutura física, na vida prática é limitada no que se refere às possibilidades econômicas. Tendo como motivação básica ser o centro político nacional, sua lógica de funcionamento assenta-se no serviço público, que não tem como abrigar todos que ali chegam. A luta pela sobrevivência torna-se um item de suprema importância como elemento constituidor dessa nova identidade sócio-cultural, que depende do trabalho,

da moradia, do transporte, do lazer, de interações sociais gratificantes para se transformar na realidade sonhada. A análise dos dados desta pesquisa mostra que nem sempre esses objetivos são alcançados.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. *Indústria Cultural e Sociedade*. 4 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- BERGER, Peter L; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. Tradução de Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 2002.
- COSTA, Lúcio. *Relatório do Plano Piloto de Brasília*. Brasília, GDF Arquivo Público: 1991.
- DISTRITO FEDERAL. Lei Orgânica do Distrito Federal. Disponível em <<http://www.concursoweb.com.br>>. Acesso em 17 jun 2007.
- DOMINGUES, José Maurício. *Sociologia e modernidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Unesp, 1991.
- _____. *A Transformação da Intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Unesp, 1993
- _____. *Modernidade e identidade*, Rio de Janeiro: J. Zahar, 2002.
- HAGUETTE, Teresa Maria Frota. *Metodologias qualitativas na sociologia*. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1992.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. 7 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- HARVEY, David. *Condição Pós – moderna*. 10 ed. São Paulo: Loyola, 2001.
- HISTÓRIA DE BRASÍLIA. Disponível em <<http://www.infobrasília.com.br>>. Acesso 27 jun 2007.
- JODELET, Denise (Org). *As representações sociais*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.
- MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais: investigação em psicologia social*. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

Carolina Grande

NUNES, Brasilmar Ferreira (Org). *Brasília: a construção do cotidiano*, Brasília: Paralelo, coleção Biblioteca Brasiliense, 1999.

PEREIRA, Henrique Morais. *Polarização urbana e mobilidade espacial da população: o caso dos deslocamentos pendulares na rede pública de ensino médio do Distrito Federal*. Monografia apresentada ao Departamento de Sociologia da UnB, Brasília, 2005.

SANTOS, Boaventura de Souza. *Pela Mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez, 2001.

SENNETT, Richard. *A corrosão do caráter*. Rio de Janeiro: Record, 1998.

VELHO, Otávio Guilherme (Org). *O fenômeno urbano*. 2 ed. Rio de Janeiro: J.Zahar, 1979.